

RESENDE-RJ LENDAS POPULARES : PEDRA SONORA e doTIMBURIBÁ

FHE **POUPEX**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Acadsemiasde História de Portugal. Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a proposito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982;E sócio DO IHGRJ, Instituti Histórico de Petropolis e correspondente do IEV e Academia Petrolitana de Letras Raul Leoni em Petropolis

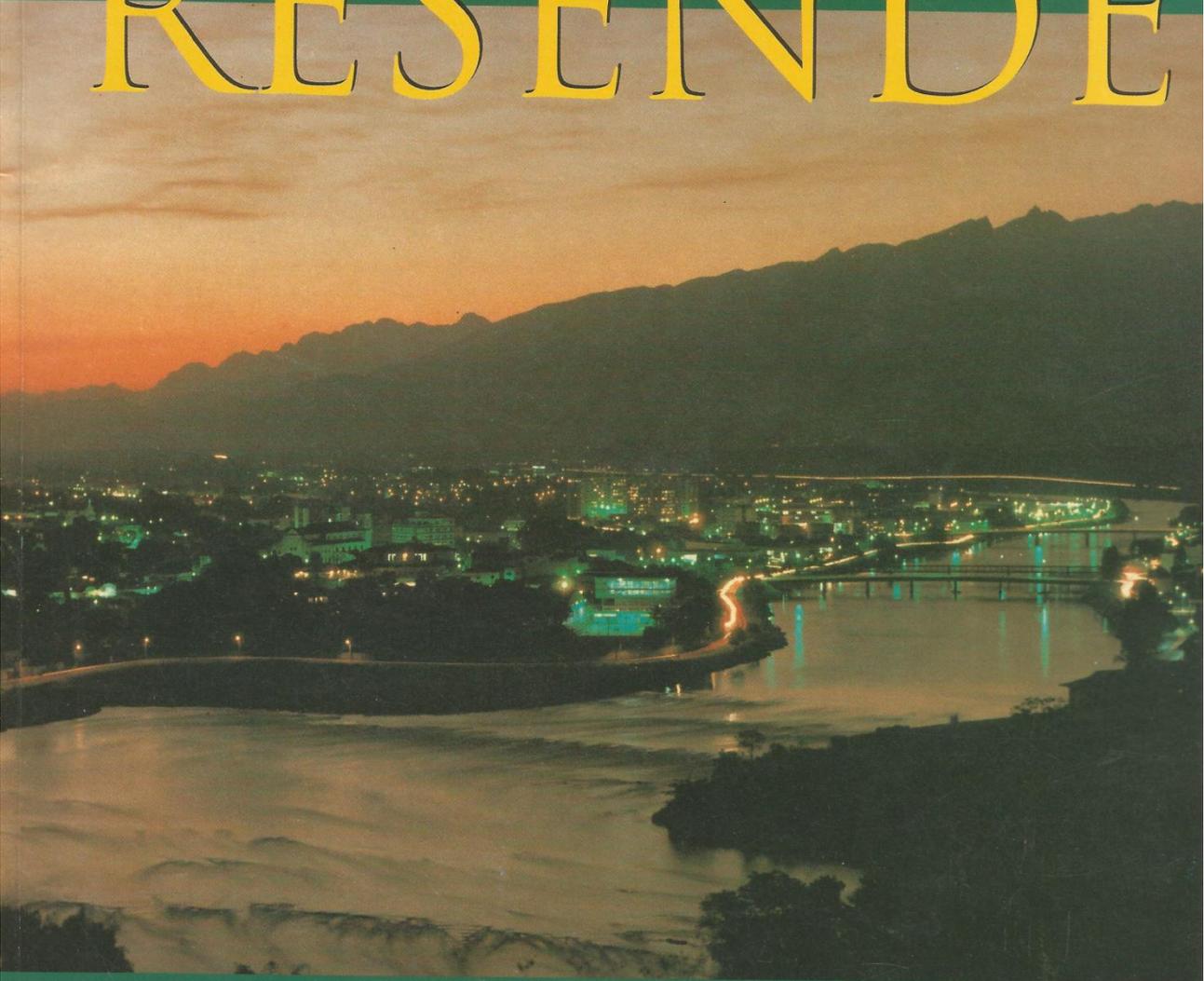
Artigo do autor na REVISTA RESENDE 150 ANOS DE CIDADE da Academia Resendense de História, digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHINTB doado a AMAN e, Boletim Especial 002 de 17 Nov.2014 e. integração no Programa Pergamum de bibliotecas do Exército

ACADEMIA RESENDENSE DE HISTÓRIA - ARDHIS

PUBLICAÇÃO COMEMORATIVA

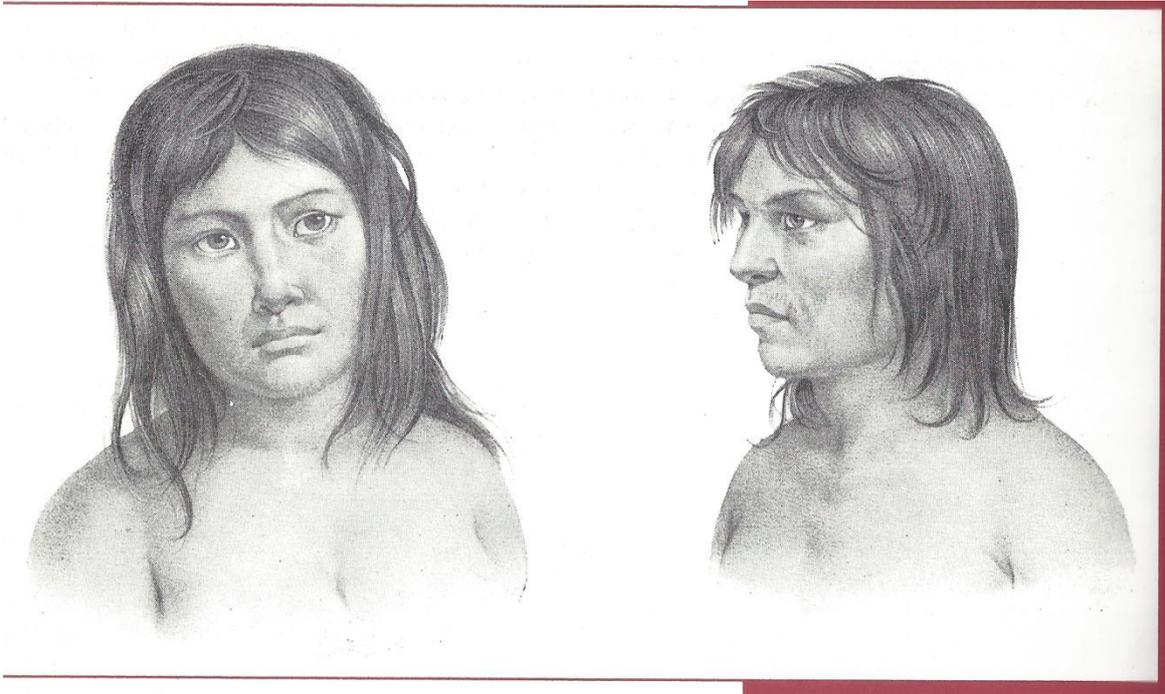
JULHO DE 1998

RESENDE



150 ANOS DE CIDADE

1848 - 1998



ROUGENDAS, J. M.

VOYAGE PITTORESQUE AU BRÉSIL,
1835.

LENDAS TRADICIONAIS POPULARES

CLÁUDIO MOREIRA BENTO - PRESIDENTE EMÉRITO DA ARDHIS

LENDA DA PEDRA SONORA

"Quem bater na pedra e ouvir seu ronco, fica livre de morrer de desastre, de tiro ou facada."

De origem indígena, a lenda conta que há muitos anos, naquele local, aconteceu um milagre: os índios Coroados disputavam com os índios locais, os Puris, a posse das terras.

Certo dia um chefe índio, fazendo reconhecimento do local, recebeu uma flechada no pescoço. Impossibilitado de gritar por socorro, sentindo que ia morrer, ajoelhou-se junto à pedra, deixando seu machado cair sobre ela. A pancada emitiu um som que ecoou pela encosta. Ao constatar o fenômeno, o índio bateu outras vezes com o machado. Curiosos com o ruído que ouviram, não tardaram seus companheiros a chegar ao local, a tempo de salvá-lo.

Desde então, nenhum índio saiu para caça, pesca ou guerra, sem antes passar pela pedra, bater e pedir proteção contra um possível desastre. Esta lenda foi colhida há mais de 30 anos, na Serrinha, pitoresca região onde se encontra a Pedra Sonora.

LENDA DO TIMBURIBÁ

UMA TRÁGICA HISTÓRIA DE AMOR ENTRE OS PURIS

Antes da chegada do homem branco para povoar as terras do atual município de Resende, vivia no sopé da Serra da Mantiqueira, para os lados da Vargem Grande, um grupo de índios Puris, cujo cacique era o velho e alquebrado **Poju**. O índio **Tabara**, jovem e valoroso guerreiro, passou a ambicionar o posto de cacique da tribo, e também a filha de Poju, a bela **Jacyra**, com quem queria se casar.

O velho cacique Poju, percebendo a dupla ambição de Tabara, tramou sua morte com outro bravo guerreiro, chamado **Imburé**, ao qual destinava a mão de sua filha.

Jacyra, que amava Tabara, percebendo a trama mortal, sabotou o cordão do arco do guerreiro rival, Imburé. Quando este defrontou-se com Tabara, ao esticar seu arco para disparar a flecha, este arrebentou, dando oportunidade para Tabara fulminá-lo, com certa e mortal flecha em seu coração.

Tabara reuniu um grupo de guerreiros para depor o cacique Poju. Quando ia acesa e viva a luta, Jacyra se interpôs entre os guerreiros empunhando um ramo da árvore **timburibá**, que era o sinal da rendição.

Encerrada a luta, Tabara e Jacyra, com um grupo de guerreiros Puris e suas mulheres, deixaram a taba e partiram para formar um outro grupo independente. Deslocaram-se para a margem esquerda do Rio Paraíba, atravessaram-no em canoas e estabeleceram nova taba no alto de um morro, onde hoje é o **Alto dos Passos**.

Ali, jacyra plantou o ramo de **timburibá**, com o qual fizera Tabara e Poju chegarem à paz. O **timburibá** cresceu rápido por interferência do espírito do bem e da paz. À sombra dele, o casal Tabara-Jacyra passou a residir. Era também sob a árvore que a pequena tribo dos Puris se reunia para as cerimônias tribais e confraternizações.

Havia na tribo uma índia chamada **Ingaíba** que amava Tabara e pretendeu separá-lo de sua mulher. Para isso, conspirou com o espírito do mal para fazer crer a Tabara que sua Jacyra o estava traindo com seu melhor amigo, o guerreiro **Potiá**.

Sem nada averiguar, Tabara secretamente matou Potiá e deixou que uma onça canguçu bebesse seu sangue, em uma gruta do **Maciço do Itatiaia**, onde abandonou o corpo.

Imaginando que o filho no ventre de Jacyra fosse de Potiá, Tabara fez com que a esposa bebesse, sem o saber, um chá abortivo. Duas horas depois, Jacyra abortou o filho e, ao contemplá-lo, Tabara nele viu seus próprios traços fisionômicos.

Quando sepultava o filho sob o **timburibá**, Tabara perguntou a Jacyra: - "**Tu amas Potiá?**" Ao que Jacyra respondeu: - "**Não! Ele vem aqui porque é teu amigo, e sai triste quando não te encontra.**" Então, Tabara confessou à Jacyra que matara Potiá.

O guerreiro convidou a esposa para consultarem o espírito do bem, que se escondia sob a pedra sonora (localizada na atual Serrinha). Este revelou toda a trama da invejosa Ingaíba com **Anhangá**, o espírito do mal, para separar o casal.

Jacyra perdoou Ingaíba, mas foi tomada de imensa tristeza e começou a definhar. Certa noite, quando Tabara saiu para uma longa excursão, Jacyra apanhou uma pequena cabaça com veneno e tomou-o de um só gole, junto ao tronco do timburibá, onde caiu morta, abraçada na sepultura de seu filho.

Ao regressar e encontrar a esposa morta, Tabara foi tomado de grande desespero e tentou o suicídio, batendo a cabeça no tronco do timburibá, até desmaiar. Refeito, sepultou Jacyra ao lado do filho. Antes de cobrir o corpo da esposa com terra, fez sangrar seu peito e deixou o sangue jorrar sobre o corpo de Jacyra. Com as mãos postas, murmurou soluçando estas palavras de pedido de perdão: - "**Jacyra, eu te suplico, perdoa os meus erros como perdoaste a malvada Ingaíba. Lava com meu sangue a injúria que fiz à tua inocência!**"

Em seguida ao sepultamento, Tabara disparou a correr alucinado. Por muito tempo amargou seus remorsos. Um dia foi encontrado morto no Rio Paraíba. Os guerreiros Puris que liderara o sepultaram ao lado de Jacyra e do seu filho, à sombra do velho **timburibá** plantado por Jacyra.

(ADAPTADO PELO HISTORIADOR CLÁUDIO MOREIRA BENTO, A PARTIR DO ORIGINAL DE JOÃO MAIA)

A ÁRVORE QUE ORIGINOU A LENDA INDÍGENA

Escrita pelo historiador e jurista João Maia, a **Lenda do Timburibá** está registrada em seu livro **Do descobrimento do campo alegre à criação da Vila de Resende**. Para escrevê-la, o autor, certamente, colheu elementos com os Puris com quem conviveu, como, por exemplo, o índio **Vitoriano Santará**, que morreu em 1862, na Santa Casa, e também com outros Puris que, em 1840, somavam 635 em Resende.

A árvore **timburibá**, que deu origem à lenda, existiu realmente no **Alto dos Passos**, no local próximo à atual capela do **Senhor dos Passos**. Tratava-se de uma árvore imponente, frondosa, com um tronco de dois metros de diâmetro. Era o primeiro sinal de Resende, visto à distância, motivo pelo qual o nome primitivo de nossa terra foi **Timburibá**, batizada pelos índios Puris que aqui habitavam.

À sombra do velho **timburibá** do Alto dos Passos, diversas gerações de resendenses, por mais de um século, passavam os domingos em reuniões festivas.

Reza a tradição que, informados da queda secular **timburibá**, num dia de 1874, jovens resendenses, acompanhados da fanfarra "**Esmeralda**", foram cantar a última serenata ao gigante que tombara. Eram tempos românticos...

ÁRVORE DOS GAMBÁS

Timburibá é palavra indígena, derivada de "Timbuhyba", que significa "árvore dos gambás". Tratado sobre botânica refere a "timbuhyba" como "madeira venenosa da família das leguminosas, empregada em construções".

Ao que parece, era parte do ritual dos Puris adorarem árvores imponentes no cimo de morros, e se reunirem em torno das mesmas para seus rituais tribais. Em Resende isso se dava em torno do **timburibá** do Alto dos Passos.

No município, dar um galho de **timburibá** a alguém, seguindo a tradição dos Puris, deveria ser entendido como um gesto de amizade e um convite ao entendimento e à paz. Os galhos do **timburibá** eram usados também como veneno para pescar, à semelhança do **timbó**.